

SEPARAÇÃO POR GÊNEROS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Jacqueline Guedes de Lira¹; Alyne Maria Ferreira Silva²; Adriano Bento Santos³

1-Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV). Email: jacquelineguedes95@hotmail.com

2-Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV). Email: alynemaria06@gmail.com

3-Docente da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV). Email: absbio@yahoo.com.br

Resumo: A Educação Física por muito tempo foi tratada como área da biologia que reconhece o corpo apenas pelas suas diferenças biológicas, o que reflete na justificativa da separação de meninos e meninas durante as aulas de Educação Física. Até os dias atuais há desigualdade de gênero no ambiente esportivo e escolar. O presente estudo tem como objetivo identificar se há déficit na participação do público feminino durante as aulas de Educação Física escolar. Foi realizada pesquisa de artigos originais, tese de mestrado e doutorado disponíveis na íntegra. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados: Scielo e Lilacs. Sendo o corpo uma construção social a separação entre homens e mulheres é algo historicamente construído que reflete na escola já que os alunos já trazem consigo uma bagagem da sua realidade social. Esta realidade naturaliza a separação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física, refletindo no desinteresse e menor percepção de prazer das meninas na realização das práticas esportivas e quando há interesse por muitas vezes tende a ter sua sexualidade questionada. A intervenção do professor é de suma importância para a reflexão de estereótipos encontrados na sociedade e ao incentivar os alunos igualmente contribui para a equidade de gênero nas suas aulas e a desnaturalização da separação de meninas e meninos.

Palavras-chave: Educação Física escolar, meninos e meninas, separação, gênero.

Introdução

A Educação Física por muito tempo não podia ser explicada pelas ciências humanas já que era vista apenas como uma área da Biologia (DAOLIO, 2007). Onde o corpo era tratado apenas como um conjunto de músculos e ossos sem nenhuma expressão cultural e o esporte tinha fins recreativos e de alto rendimento (DAOLIO, 2007). O movimento está presente em todas as ações humanas desde os primórdios até os dias atuais, é a partir do movimento que também expressamos nossas manifestações culturais. Sendo a cultura corporal do movimento a base de estudo da Educação Física, tratar o movimento sem expressão cultural é negar as contribuições da mesma para uma reflexão da realidade. Atualmente, mesmo a Educação Física pertencendo à área da biologia onde interpreta o corpo como binário, ela também pode ser explicada pelas ciências humanas tendo em vista que o movimento humano é uma expressão cultural contendo uma carga histórica e social. Entretanto nos dias atuais ainda há uma separação de gênero na realização das práticas esportivas a partir das características corporais.

As diferenças entre homens e mulheres vão muito além das suas características anatômicas, elas podem ser influenciadas culturalmente e socialmente (GOELLNER, 2012). No Brasil o tema gênero passou a ser discutido na década de 70 e 80, contrapondo a ideia da separação binária caracterizada pelas diferenças biológicas que por muito tempo foi justificativa para a exclusão de mulheres nas práticas esportivas (DEVIDE et al., 2011). Durante muitos anos essa diferença de gênero se perpetuou na Educação Física e até os dias atuais as mulheres ainda são minorias nas práticas esportivas.

O esporte é um espaço de construção de feminilidades e masculinidade sendo uma prática social realizada por ambos sexos e que rompe com a naturalização das diferentes experiências esportivas ligadas a homens e mulheres justificada pelas diferenças dos corpos (GOELLNER, 2012). Goellner (2012) defende também que o movimento feminista teve grande contribuição para a valorização da mulher no esporte que por muito tempo foram negligenciadas deste ambiente, denunciando a invisibilidade das mulheres tanto na construção da história da humanidade, quanto como protagonista da sua própria história. A desigualdade de gênero encontrada na sociedade se perpetua até a escola e tende a influenciar na separação de meninas e meninos durante as aulas de Educação Física. Porém, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propõe uma educação básica com princípios de inclusão, propondo uma metodologia de ensino-aprendizagem que busque pela igualdade de direitos e para que isso ocorra, sugere a utilização de temas transversais para fazer uma interlocução entre sociedade e sala de aula (SOUSA e ALTMANN, 1999).

Salienta-se então a importância em compreender o motivo pelo qual a separação de meninas e meninos ocorre na Educação Física escolar e suas influências na construção de feminilidade e masculinidade. Sabendo disso, o presente estudo tem como objetivo verificar se existe um déficit na presença do público feminino nas aulas de Educação Física e caso este ocorra, como poderá implicar na desigualdade de gênero no ambiente escolar/esportivo.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo de caráter revisão da literatura, onde foram realizadas pesquisas nas bases de dados eletrônicos de acesso livre: LILACS e SciELO. Foram utilizados os seguintes descritores: Gênero; Feminino; Educação Física Escolar; Menino e Menina; School Physical Education; Boys and Girls e Gender.

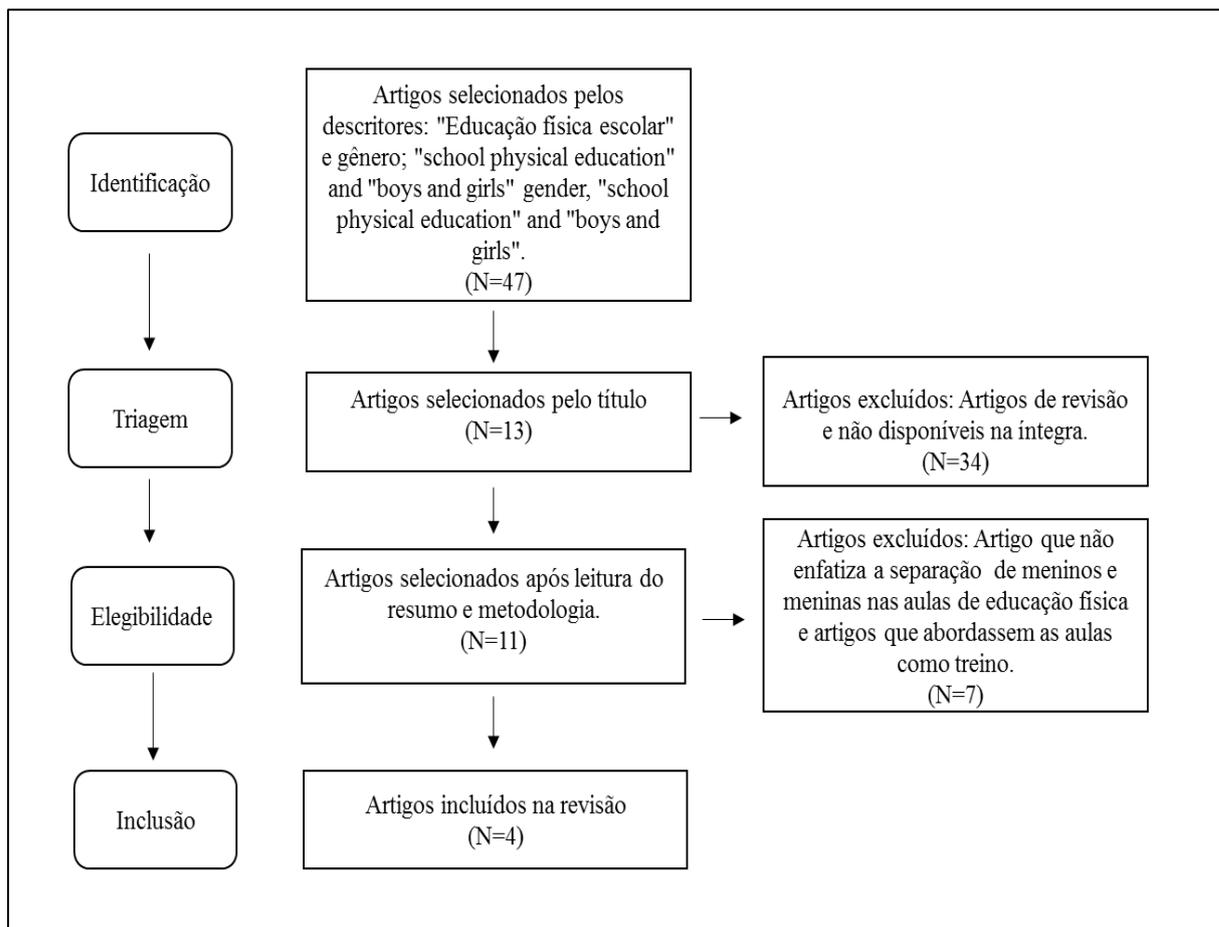
A seleção dos artigos teve como critério de inclusão: artigos originais disponíveis na íntegra, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos que abordassem sobre as aulas de Educação Física escolar e a participação do público feminino nas aulas de Educação Física,

publicados nos idiomas português ou inglês entre os anos de 2008 e 2018. O período de busca para a seleção dos artigos foi de Junho à Julho de 2018.

Foram excluídos artigos de revisão e artigos que abordassem a aula de Educação Física como treino, artigos que não enfatizam separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Inicialmente foi realizada a leitura do título, em seguida leitura do resumo e logo após a metodologia e pôr fim a leitura dos artigos por completo.

Foram encontrados 47 artigos nas bases de dados, foram selecionados 13 artigos após a leitura do título e excluído 34 por ser artigo de revisão e não estarem disponíveis na íntegra, em seguida foi feita a leitura do resumo e metodologia e foram selecionados 11 artigos, onde 7 foram excluídos por tratar a Educação Física como treino. Foram incluídos no estudo 4 artigos (Figura 1):

Figura 1 - Fluxograma da sistemática de seleção dos artigos utilizados nesta revisão.



Resultados e Discussão

Segue abaixo a tabela referente aos artigos utilizados para obter os resultados da pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão sistemática após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Autor e ano	Característica da amostra	Metodologia	Como é tratada ou organizada as aulas de EF?	Causas da ausência das meninas nas aulas de EF	Objetivo	Resultados	Conclusão
Dornelles, P. G., 2012.	Professores da rede municipal de ensino da cidade de Porto Alegre (n=10).	Foi realizado uma entrevista com os professores sobre como ele observa a participação dos meninos e meninas em suas aulas.	Um dos professores entrevistado aborda a EF como treino. Outros defendem que por conta do desenvolvimento motor deve ser feita a separação em determinada faixa etária por causa das mudanças corporais das meninas.	Na adolescência ocorre mudanças corporais nas meninas que implicam em não se arriscar nas aulas de educação e a partir dessa faixa etária professores relatam que deve ocorrer a separação. Outros informam que as meninas atrapalham nos rendimentos dos meninos, já que os mesmos participam mais em sala de aula e a partir do estímulo e diversificação das aulas o professor pode contribuir para inclusão das meninas nas aulas de EF.	Demonstrar por meio de entrevista como os professores de EF percebem a separação de meninos e meninas nas suas aulas.	A separação ocorre de forma naturalizada com base nas referências do desenvolvimento biológico. Se a maturação dos corpos fossem iguais não teria a necessidade da separação para aprendizagem das habilidades motoras, se atendo a isso impossibilita a compreensão do corpo e dos conhecimentos além dos movimentos.	Em determinadas faixas etárias há uma impossibilidade do trabalho misto nas aulas de educação física por conta das diferenças corporais, que torna os meninos como “padrão” pelo fato de serem mais corajosos e habilidosos. Já as meninas atrapalham no desempenho dos meninos no que justifica a ausência das meninas durante as aulas.
Altmann, h., et. AL., 2011.	Professores do ensino fundamental de escolas públicas da Região Metropolitana de Campinas - SP. (n=22) Do gênero masculino (n=14) e do gênero feminino (n=8)	Foi realizado um questionário com 13 questões abertas e as perguntas referentes a relação de gênero em suas aulas, seus planejamentos, conflitos enfrentados, pontos positivos e negativos das aulas mistas.	Os professores informam que a programação anual já vem pronta e que meninos são mais fortes e coordenados do que as meninas, se atendo as habilidades motoras. Existem aqueles que trabalham com o coeducativo, que seria a igualdade nas aulas de EF.	Através das razões biológicas, porém pesquisas de gênero contribuem na compreensão que a ausência das meninas nas aulas de EF foi socialmente historicamente construídas.	Problematizar como o gênero perpassa a prática docente em EF.	Negligenciar os conflitos e a diversificação encontrada na educação contribuem para desigualdade de gênero e enfrentá-los é desafio da educação	Alguns professores ainda defendem a separação de meninas e meninos afirmando que uma turma homogênea terá melhor desempenho durante suas aulas. Outros defendem o trabalho misto problematizando em suas aulas concepções estereotipadas do feminino e do masculino.
Mariano, M., Altmann, H., 2016.	Professores que lecionam em escolas públicas de um município da Região Metropolitana de Campinas, SP, Brasil. (n=2). Do gênero masculino (n=1) e do gênero feminino (n=1).	Observações das aulas e entrevista com os professores.	Na observação das aulas a professora de início separa meninos e meninas em filas enquanto o professor trabalha de maneira mista.	O autor não deixa claro a ausência das meninas nas aulas de EF.	Analisar relações estabelecidas em práticas de no âmbito da EI.	A separação pode ocorrer de acordo como o professor leciona sua aula que pode influenciar no comportamento do aluno. Incentivar positivamente todas as crianças da turma independentemente e dos acertos ou erros cometidos por elas é uma atuação positiva do professor que pode influenciar também no seu comportamento.	Intervenções menos diretas durante as aulas de EF produziram relações de gênero menos hierarquizadas e menos desiguais, garantindo espaço e oportunidade para que as próprias crianças rompam com fronteiras de gênero socialmente estabelecidas.
Altmann, H. et. AL., 2017.	Alunos do 8º e 9º ano de 39 escolas. Meninas (n=883) Meninos (n=856)	Aplicação de questionários sobre EF e AF com os alunos.	O artigo não informa como são tratadas as aulas de EF.	As meninas relatam que sentem menos prazer na realização das AF e são as que recebem menos incentivo dos familiares e amigos e informam que têm menos competências corporal que os meninos no que resulta no menor interesse nas aulas de EF.	Apresentar regularidade e frequência com que realizam AF e esportivas na escola e fora dela.	Foi possível observar a baixa frequência das meninas nas realizações de AF e esportivas, constatando a desigualdade de gênero presente neste ambiente. Esses aspectos podem ser trabalhados pelo professor ampliando o envolvimento de meninas nas AF e esportivas.	As meninas não possuem interesse nas aulas de EF por não ter tanto domínio da cultura corporal do movimento como os meninos. A busca pela igualdade de gênero nas AF e esportivas devem ir além da ação do professor.

Legenda: Educação Física (EF), Atividade Física (AF), Educação Infantil (EI).

Dornelles (2012) propõe que a maturação dos corpos ocorre de maneira distinta entre meninos e meninas, explicando a naturalização da separação nas aulas de Educação Física. Entretanto essa separação não seria necessária para aquisição das habilidades motoras e não justifica o trabalho realizado de maneira distinta para ambos os sexos nas aulas de Educação Física (DORNELLES, 2012). Convergente a ideia anterior, Goellner (2012) mostra que o esporte é um espaço de concepção de masculinidade e feminilidade e as diferenças biológicas encontradas entre ambos os sexos não justificam a naturalização das diferentes experiências vividas no ambiente esportivo. Goellner (2012) aponta que o esporte é um espaço reservado para os homens e isso é aceito pela sociedade de forma naturalizada e o que justifica essa naturalização são os aspectos sociais, históricos e culturais. Ao pensar no corpo como construção social a separação entre homens e mulheres é algo historicamente construído, que prova a desigualdade no ambiente esportivo e por muito tempo foi justificada pela diferença corporal. Ao longo de muitos anos as mulheres foram negligenciadas no esporte e os homens tiveram mais oportunidades de vivenciar as práticas esportivas tornando-se “padrões” em muitas delas.

Para alguns docentes há uma impossibilidade do trabalho misto em determinada faixa etária se atendo apenas ao desenvolvimento motor, impossibilitando a compreensão do corpo e dos conhecimentos além dos movimentos (DORNELLES, 2012). Sendo gênero uma construção social (GOELLNER, 2012); que de maneira imersa influência na separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física e por eles estarem inseridos nessa sociedade já trazem consigo uma visão de masculinidade e feminilidade para a sala de aula. Problematizar a justificativa da separação durante as aulas de Educação Física desconstrói a ideia de que os meninos são mais hábeis às práticas esportivas que as meninas. Isso possibilita a compreensão além dos movimentos corporais e a reflexão da desigualdade no ambiente escolar e esportivo (DORNELLES, 2012). De acordo com o Coletivo de Autores (1992) os conteúdos de ensino devem levar em consideração a relevância social compreendendo e refletindo sobre sua realidade. Logo, problematizar os conteúdos da Educação Física indo além dos movimentos corporais é de suma importância para desconstrução de estereótipos encontrados na sociedade e construção de um ser crítico.

O estudo de Altmann et al. (2011) mostra que alguns professores justificam a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física de acordo com as razões biológicas, no qual os meninos são mais fortes e coordenados que as meninas. Entretanto, estudo propõe que os aspectos físicos não justificam a desigualdade entre homens e mulheres encontradas no discurso social da construção da identidade em sujeito masculino e feminino

(LOURO, 1996). Podemos utilizar da escola como ambiente de conscientização e quebra de paradigmas instalados na sociedade, de que meninos são mais viris e habilidosos para práticas esportivas e quando as meninas se sobressaem das outras ou até mesmo deles sua feminilidade é questionada sendo novamente rotuladas. Outros professores da pesquisa de Altmann et al. (2011) informam que o trabalho misto e a diversificação das aulas favorecem a socialização dos alunos e contribuem para enfrentar conflitos encontrados na educação. Indo além da semelhança biológica e considerando suas diferenças culturais podemos analisar o corpo com nossos critérios, indo em conflitos com os padrões instaladas na sociedade que por muito tempo excluíram e julgaram pessoas da prática esportiva (DOALIO, 2007). A exclusão dentro das práticas esportivas ainda se encontram presente nos dias atuais envolvendo também as aulas de Educação Física, cujo as meninas vivenciam de maneira distintas dos meninos ou até mesmo são excluídas das práticas, e no momento da aula acabam ocupando outros espaços da escola.

A separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física pode ocorrer de acordo como o professor leciona sua aula e a maneira como ele incentiva seus alunos (MARIANO; ALTMANN, 2015). Ao dar atenção aos alunos considerados mais habilidosos o professor atribui a esse aluno o “papel de líder” classificando os demais em capazes e incapazes para a realização das práticas (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Ao trabalhar de maneira mista na sala de aula o professor tem um papel importante na desconstrução de preconceito e o mesmo deve incentivar seus alunos igualmente tendo consciência que as crianças não são seres neutros, já trazem consigo uma bagagem de conhecimento sobre a cultura onde está inserida. É observado que alguns professores ainda separam meninos e meninas em suas aulas, formando filas que são diferenciadas por sexo e usam como justificativa o uso das mesmas como uma ferramenta de locomoção e organização do grupo, além disso, a separação durante suas aulas pode ser levada em consideração à linguagem abordada entre professor e aluno (MARIANO; ALTMANN, 2015). Uma estratégia nas aulas de educação física é a formação de grupos e alinhamento, onde o professor vai ter um olhar abrangente sobre os alunos e seus comportamentos (LOURO, 1997). A utilização de filas durante as aulas faz menção ao modelo militarista que por muito tempo foi aderido pelas escolas, utilizando-se da abordagem tecnicista nas aulas de educação física onde a desigualdade de gênero era mais evidente. Ao incentivar de maneira distinta meninos e meninas o professor contribuem para repetições de práticas de desigualdade de gênero e que pode se perpetuar durante toda a vida escolar dos seus alunos.

O estudo de Altmann et al. (2017) mostram que o incentivo dado pelos familiares e amigos para a realização das práticas esportiva para as meninas é inferior aos meninos. Diante disso, essa menor percepção corporal dada às meninas resulta numa baixa percepção de prazer e interesse nas realizações das atividades nas aulas de Educação Física (ALTMANN et al., 2017). Estudo corrobora a ideia de Altmann propondo que o incentivo dado pelos amigos está diretamente associado às práticas esportivas realizada por jovens (COLEDAM et al., 2014). Por influência cultural, as meninas são as que recebem menos incentivo para as práticas esportivas por que esse universo é considerado historicamente masculino, direcionando as meninas a ocupar outros espaços. Por isso a importância do apoio tanto do professor quanto dos que a cercam, para que as meninas possam ocupar espaços que por muito tempo foi negado. Altmann et al. (2017) também afirmam que as práticas realizadas dentro e fora da escola entre ambos os sexos auxilia na ampliação e participação dos mesmos nesses ambientes e a ajuda do professor é essencial para a maior realização das práticas, porém a busca pela equidade de gênero vai além da ação do professor na sala de aula. Silva et al. (2015) mostra que o trabalho misto nas aulas de Educação Física não é suficiente para a equidade de gênero, é necessário a elaboração de ações pedagógicas e criação de políticas públicas na área propondo uma educação coeducativa.

Conclusões

Os resultados obtidos propõem que há uma separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física é algo historicamente construído que vai além das razões biológicas no que leva a um déficit na participação do público feminino, provocando a não equidade no ambiente escolar. O desinteresse na realização das práticas esportivas também está atrelado aos rótulos que são impostos pela sociedade e para aquelas que praticam algum esporte denominado masculino tende a ter sua sexualidade questionada. É possível que a menor participação das meninas durante as aulas ou nas realizações das práticas esportivas levam-nas a uma menor compreensão das competências corporais, que reflete na baixa percepção de prazer nas atividades e menor interesse nas aulas de Educação Física. O professor de Educação Física pode contribuir para equidade de gênero tanto no ambiente escolar quanto no esportivo, incentivando meninos e meninas igualmente e trabalhando a coeducação durante as suas aulas podendo problematizar que a Educação Física vai além da cultura corporal do movimento e a partir dessas problemáticas os alunos possa vir a ter uma concepção diferente sobre estereótipos instalado na sociedade.

Referências

- ALTMANN, H; AYOUB, E; GARCIA, E. F; RICO, E. R; POLYDORO, S. A. J. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 26, n.1, maio 2017.
- ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 19, n. 2, maio-agosto 2011.
- AUTORES, C. Metodologia do Ensino de Educação Física, São Paulo: Cortez, 1992, p.69.
- COLEDAM, D. H. C.; FERRAIOL, P. F.; JUNIOR, R. P.; SANTOS, J. W.; OLIVEIRA, A. R. Prática esportiva e participação nas aulas de educação física: fatores associados em estudantes de Londrina, Paraná, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, vol. 30, n.3, p.533-545, 2014.
- DAOLIO, L. Educação Física e o Conceito de Cultura. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p.8-9.
- DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; SAINT-CLAIR, E.; NERY, L. C. P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, Rio Claro, v. 17, n.1, p.93-103, jan./mar. 2011.
- DORNELLES, P. G. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 87, p.187-197, mai.-ago. 2012.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**. Vol. 19, n. 34, 2012.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46, p.201-218, dez. 1997.
- LOURO, G. L., Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e saúde**. Porto Alegre, 1996.
- MARIANO, Mariana.; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas. **Cadernos pagu**, nov. 2015.
- SILVA, D. R. S; FARIA, J. P. O; LINS, R. G. Promoção da Igualdade de Gênero nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. **Revista EDUCA**, Porto Velho, RO, vol. 2, n. 4, p.92-109, 2015.
- SOUSA, E. S.; ALTMAN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, n.48, Agosto 1999.